

**FAKE NEWS, PÓS-VERDADE E A NOVA “CRISE DA CIÊNCIA”: UMA ANÁLISE À
LUZ DO TEXTO “VERDADE E MENTIRA NO SENTIDO EXTRAMORAL” DE
FRIEDRICH NIETZSCHE**

Janderson Aparecido Lopes Conceição¹

Prof.º Msc. Suderlan Tozo Binda²

RESUMO

As *fake news*, isto é, notícias falsas, se tornaram uma das problemáticas de maior impacto social no século XXI. São um fenômeno que emerge do contexto altamente tecnológico que possibilitou através da internet a rápida disseminação de informação. A reflexão acerca do tema é atrelada ao termo pós-verdade, ou seja, cenário em que dados objetivos têm menos valia para a opinião pública do que crenças pessoais ou apelo à emoção, que são os aspectos subjetivos dos indivíduos. Apresentada a problemática, tem-se o objetivo de analisar as *fake news* a partir da obra “Verdade e mentira no sentido extramoral” do filósofo Friedrich Nietzsche, buscando explicitar à luz de seu pensamento como é possível tal fenômeno. Além disso, o presente trabalho procura averiguar em que medida as notícias falsas podem provocar uma crise na ciência. A pretensão é analisar os efeitos que as “verdades” têm sobre os indivíduos e quais fatores os levam a assumi-las para si. Conclui-se que, as *fake news* são possíveis para Nietzsche, pois não existe uma verdade inquestionável, todavia, existem as “verdades” convencionalmente construídas para a vida em sociedade e as notícias falsas rompem com tal convenção provocando desarmonia no âmbito coletivo, fazendo com que a verdade se explicita como categoria de poder e não epistemológica. Foi utilizada a metodologia exploratória e por se tratar de uma temática que se encontra em constante mudança através dos meios de comunicação social possui também caráter documental, pois se vale de algumas bibliografias sem caráter de análise científica.

Palavras-chave: *Fake News*. Pós-verdade. Ciência. Verdade. Mentira.

ABSTRACT

Fake news, that is, invented, has become one of the issues with the greatest social impact in the 21st century, it is a phenomenon that emerges from the highly technological context that enabled the rapid dissemination of information through the internet. The reflection on the theme is linked to the term post-truth, that is, a scenario in which objective data have less value for public opinion than personal beliefs or appeal to emotion, which are the subjective aspects of individuals. Having presented the problem, the objective is to analyze the fake news from the work “Truth and lie in the extramoral sense” by the philosopher Friedrich Nietzsche, seeking to explain in the light of his thought how such a phenomenon is possible. In addition, the present

¹ Graduando do Curso de Filosofia Bacharelado do Centro Universitário Salesiano. E-mail: janderson.aparecido.lopes@gmail.com.

² Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1997), Pós-graduação em filosofia Clínica pela Faculdade Bagozzi (2002) e mestrado em Filosofia Sistemática pela Pontifícia Universitas Gregoriana - Roma - (2006). Atualmente é professor da Faculdade Salesiana de Vitória. Experiência na área de Filosofia, com ênfase em História da Filosofia e filosofia Sistemática. E-mail: suderlantbinda@gmail.com.

work seeks to find out to what extent false news can provoke a crisis in science. The intention is to analyze the effects that the “truths” have on individuals and what factors lead them to assume them for themselves. For Nietzsche, It is concluded that fake news is possible, as there is no unquestionable truth, however, there are "truths" conventionally constructed for life in society and fake news breaks with such a convention, causing disharmony in the collective sphere, causing that the truth becomes explicit as a category of power and not an epistemological one. The exploratory methodology was used and because it is a theme that is constantly changing through the media, it also has a documentary character, as it makes use of some bibliographies without character of scientific analysis.

Keywords: Fake News. Post-truth. Science. Truth. Lie.

1 INTRODUÇÃO

As *fake news* são capazes de interferir nos mais diversos âmbitos da sociedade, mas sua ascensão se deu em grande escala no âmbito político, período em que ficaram em evidência as eleições norte americanas na qual Donald Trump foi eleito e a saída da Grã-Bretanha da União Europeia, chamado Brexit. O período pandêmico que atingiu todo o planeta por conta do novo coronavírus possibilitou no âmbito científico, informações de todo tipo, seja para afirmar e defender a metodologia aplicada na ciência, ou para refutá-la, permitindo que estes dados sem comprovação e relação com os métodos aplicados na ciência fossem disseminados.

Ao enfrentar o segundo ano de pandemia do novo coronavírus (Covid – 19), o tema se torna relevante e se justifica de modo primordial na esfera social pois levanta a reflexão sobre os conteúdos oferecidos à população através das redes sociais que disseminam informações e colocam em dúvida assuntos que até o presente momento não têm parâmetro que provoque sua mudança abrupta, como acontece com a validade e confiabilidade das vacinas. Segundo o filósofo norte americano Lee McIntyre, a ciência está disposta a mudar de opinião, todavia são necessárias evidências que comprovem a mudança (MCINTYRE, 2019 apud CUNHA FILHO, 2021).

As conquistas conseguidas através da tecnologia, sem dúvida, caracterizarão esse século na história, e como em todo o período histórico vivido pelo ser humano, a contemporaneidade também possui problemáticas, desta vez atreladas aos fatores da conquista tecnológica. Nesse contexto, esse trabalho versou-se sobre *fake news*, ou seja, as notícias falsas, que se colocam como adversidades associadas ao fenômeno da pós-verdade, cenário que em que objetividade dá lugar à subjetividade no que diz respeito ao recebimento de informações (OXFORD, 2016).

O presente artigo pretende refletir em que medida as informações advindas das *fake news* podem levar a uma “crise da ciência” no mundo contemporâneo. Diante da problemática

apresentada, o objetivo do trabalho é analisar e relacionar o fenômeno das *fake news* à luz de um texto do filósofo Friedrich Nietzsche chamado “Verdade e mentira no sentido extramoral” localizado no apêndice do livro “O nascimento da tragédia”, direcionando à temática para a influência na “crise da ciência” no período vigente. Também, através de bibliografias digitais, exemplificar os fatos atuais relacionando as notícias falsas ao fenômeno da pós-verdade; esses dois termos intimamente ligados. Ao conceitualizar as *fake news* no período contemporâneo, pretende-se ilustrar de que maneira elas são capazes de levar a ciência a uma crise e colocar em dúvida estudos cientificamente comprovados.

Em 2016, foi inaugurada definitivamente a pós-verdade, fase de confronto de narrativas em que os fatos objetivos vêm cedendo espaço para a emoção e subjetivismo, também foi possível a instalação de uma era em que a ciência é tratada com dúvida e em muitas ocasiões com desprezo (D’ANCONA, 2018).

Em uma conjuntura de velocidade comunicativa, parte-se da hipótese de que as *fake news* são construídas conscientemente para atender a interesses individuais ou grupos de sujeitos que tem a mesma linha de pensamento. E é nesse aspecto que podemos associar ao pensamento nietzscheano, pois para o pensador, a “verdade” é encarada como categoria de poder e não epistemológica; em outras palavras significa dizer que a verdade confere domínio a quem a detém, de modo a possibilitar o surgimento de castas, privilégios e desigualdades na sociedade (NIETZSCHE, 2020). A verdade não é um padrão para o conhecer efetivo do ser, da causa dos entes, mas um meio de estabelecer o como deve ser, isto é, justificar o poder.

Nietzsche, ao abordar verdade e mentira em seu texto não assume um posicionamento radical. Afirma não existir uma verdade com letra maiúscula, pois o homem é em sua essência um ser dissimulador e enganador, em consequência do seu contato com o conhecimento. A verdade nesse sentido, é uma criação do homem para que este possa viver em sociedade, são palavras assumidas convencionalmente, em grande parte de forma inconsciente, para harmonizar os relacionamentos dos indivíduos que necessitam viver em comunidade (NIETZSCHE, 2020).

O presente artigo parte de uma metodologia exploratória, uma vez que se procurou ter contato com o problema de modo a construir hipóteses que tornam possível a problemática de acordo com bibliografias existentes (GIL, 2002). A temática abordada, *fake news*, se encontra em constante construção, uma vez que é extremamente atual, dado este fato, a pesquisa também apresenta um caráter documental, pois para a sua construção e análise foram utilizadas fontes sem tratamento analítico (GIL, 2002). O trabalho foi produzido a partir do pensamento do

filósofo Friedrich Nietzsche, investigando pistas que levem à possibilidade das notícias falsas. Outrossim, foram utilizados livros que abordam sobre os termos pós-verdade e *fake news*, sendo os principais retirados de Matthew D'ancona e Christian Dunker, além de artigos escritos de filósofos atuais que se debruçaram sobre a temática abordada.

2 FRIEDRICH NIETZSCHE: VERDADE E MENTIRA NO SENTIDO EXTRAMORAL

“Verdade e mentira no sentido extramoral” se trata de um texto de Friedrich Nietzsche escrito na época de sua juventude ao seu colega Carl Von Gersdorff no ano de 1873, sendo então “fruto não apenas de uma refinada espiritualidade, mas também de um importante redimensionamento teórico-especulativo” (BARROS, 2007, p. 9). De maneira geral, o ponto tratado pelo autor é a verdade, procurando refletir sobre suas facetas e arranjos que ocorrem dentro do discurso.

Ao comentar sobre esta obra que traduziu, Fernando de Moraes Barros (2007, p. 10) afirma que “No momento em que aprende a questionar a si mesma, a verdade talvez termine por revelar alguma não-verdade à sua base, prestando um testemunho inteiramente inesperado sobre si própria”, dessa maneira infere-se que a questão da verdade pode provocar surpresas no que diz respeito a maneira que o ser humano a interpreta.

Nietzsche inicia dissertando sobre o intelecto humano, e usa uma fábula para ilustrar a efemeridade deste atributo, segundo ele houve um astro em que os animais inteligentes foram capazes de conceberem o conhecimento, entretanto durou pouquíssimo tempo:

Foi o minuto mais altivo e mendaz da “história universal”, mas foi apenas um minuto. Após a natureza respirar poucas vezes, o astro congelou e os animais inteligentes morreram. – Alguém poderia inventar uma fábula assim, mas não ilustraria suficientemente a forma lamentável, vaga e fugaz, o modo vão e arbitrário como o intelecto humano se apresenta na natureza [...] (NIETZSCHE, 2020, p. 147).

Nos parágrafos posteriores do escrito, o autor discorre sobre a humanidade desse intelecto e critica aquele que o possui. Por ser o animal na natureza que possui racionalidade, a soberba do homem o faz acreditar que tudo lhe diz respeito, “[...] como se em torno dele girasse o eixo do mundo” (NIETZSCHE, 2020, p. 147). Com esse trecho e os que se seguem na obra, Nietzsche defende que todo aquele que entra em contato mínimo com esse conhecimento se infla de orgulho e vaidade, todavia essas sensações são enganações do intelecto e apresentam a sua principal força e a sua forma de manifestação no ser humano:

O intelecto, enquanto meio para a conservação do indivíduo, mostra sua força principal na dissimulação [...]. No ser humano essa arte da dissimulação atinge seu auge: enganar, adular, mentir e fraudar, falar por trás das costas, aparentar, viver no brilho de outro, mascarar-se, ocultar pela convenção, representar para os outros e para

si mesmo, em suma, continuamente esvoaçar ao redor da chama da vaidade [...] (NIETZSCHE, 2020, p. 148).

Nesta perspectiva, Nietzsche questiona o impulso à verdade do ser humano, uma vez que sempre estando imerso em uma alienante rede de ilusões, ele possui contato apenas com aquilo que lhe é oferecido. De alguma maneira a verdade foi diferenciada em sua consciência para alguma finalidade. Uma hipótese levantada é que pode ter sido a necessidade do ser humano viver em sociedade, característica inerente do mesmo, que é relacional e necessita das relações para sua sobrevivência. Tal hipótese é criada através dessas características citadas, as quais podem ser comparadas ao homem como um estado de natureza, que neste caso é de dissimulação e engano. Esse enredo desenha o que talvez seja o primeiro passo para o que Nietzsche nomeia “impulso para a verdade” (NIETZSCHE, 2020, p. 149).

Ao surgir este contexto de construção da sociedade, aparece a divergência entre verdade e mentira. A mentira surge a partir do intelecto dissimulador e enganador, já a verdade é comparada a algo imaginado, “é inventada uma designação das coisas uniformemente válida e obrigatória e a legislação da linguagem também produz as primeiras leis da verdade” (NIETZSCHE, 2020, p. 149), assemelha-se ao contrato social dos teóricos políticos contratualistas, como se a verdade fosse o tratado de paz para amenizar as características do universo mais brutal apresentado.

O ser humano, na visão de Nietzsche é comparado a um ser que engana e mente em consequência de seu encontro com o conhecimento, e dado esse aspecto, o homem não tem medo de cair no engano ou enganar, mas se preocupa primordialmente com os malefícios que suas inverdades o podem oferecer, portanto ele quer os efeitos positivos produzidos a partir da orientação à verdade (NIETZSCHE, 2020).

A palavra em seu olhar é “reprodução de um estímulo nervoso em sons” (NIETZSCHE, 2020, p. 150), definição importante, uma vez que é ela a responsável pelo processo comunicativo. O sentido apresentado pelo autor remonta aos sentidos do ser humano, que uma vez estimulados é capaz de transformar as impressões tidas nesse processo em palavras. A construção da palavra se dá a partir de metáforas construídas “Um estímulo nervoso transposto primeiramente numa imagem: primeira metáfora! A imagem, por sua vez, transformada num som: segunda metáfora!” (NIETZSCHE, 2020, p. 151). A verdade, por conseguinte, é abordada a partir dessa perspectiva.

A verdade se faz em um contexto, uma atmosfera que promove a construção da linguagem e do discurso que envolve a significação de palavras e o seu sentido propriamente dito. Friedrich

Nietzsche reitera que o cuidado elementar é não trocar ilusões por verdades pela eternidade, a palavra não tem responsabilidade com a veracidade, pois se assim tivesse, a necessidade de mais línguas seria inútil. Pelo intenso uso de metáforas em sua linguagem ele define a verdade e a caracteriza a partir de uma comparação:

Um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos; numa palavra, uma suma de relações humanas que foram poética e retoricamente intensificadas, transpostas e adornadas, e que depois de uso prolongado parecem fixas, canônicas e obrigatórias para um povo; as verdades são ilusões que esquecemos que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força, moedas que perderam o cunho e agora são vistas como metal, não mais como moedas (NIETZSCHE, 2020, p. 152 - 153).

A verdade, comparativamente, pode ser uma condição que a sociedade apresenta para existir, significa usar desse exército móvel de metáforas para a vivência harmoniosa. Importante destacar o papel da cultura nesse ângulo, pois é a partir do costume de um povo que as verdades são construídas e de forma inconsciente reproduzidas, é pela cristalização na estrutura social através de hábitos que transpassam séculos que a verdade ganha validade.

A validade da verdade é observada no homem através dos adjetivos que agora são próprios a ele, agora visto como edificador conceitual, é um cenário em que ele é capaz de transmitir confiança ao colocar sua ação racional dominadora às dissimulações inerentes de seu ser. Nessa nova perspectiva, o ser humano para Nietzsche é um “[...] enorme gênio construtor, que consegue erguer uma catedral conceitual infinitamente complicada sobre fundamentos movediços e em água corrente [...]” (NIETZSCHE, 2020, p. 154), desse modo, é estimada a sua inclinação para a verdade e para o conhecimento das coisas.

O início do processo de construção dos conceitos que até então se dá pela linguagem, também ganha a ciência como aliada, dessa maneira, ela se torna responsável por dar aos conceitos significados à luz de seu sentido prático. Se até então a metáfora de Nietzsche afirmava o homem como um gênio construtor, com o auxílio da ciência, conceitos ainda mais exuberantes e colossais são erguidos, e o investigador edifica uma estrutura unido à fascinante ciência, todavia, “[...] necessita de proteção, pois há forças terríveis que constantemente o acometem e que opõe à verdade científica ‘verdades’ de espécie muito diferente, com os mais diversos emblemas” (NIETZSCHE, 2020, p. 158). Como elenca desde o início de sua obra, o ser humano através do intelecto tem uma disposição à dissimulação e com isso a deixar-se enganar por histórias fantasiosas e sem compromisso com as verdades construídas socialmente (NIETZSCHE, 2020).

O autor descreve também, sobre dois tipos de homens, o homem racional e o homem intuitivo, que genericamente traduzem as características da razão e da aparência, respectivamente. O

homem racional é aquele que age com prudência, enquanto o intuitivo age pela arte do engano, pela vida aparente e beleza, ambos buscam ter controle sobre a vida. A racionalidade faz o homem querer se proteger da infelicidade sem absorver os conceitos das abstrações, já o homem intuitivo “estando no meio de uma cultura, já colhe suas intuições, além da defesa contra o mal, iluminação, animação e redenção que afluem sem parar” (NIETZSCHE, 2020, p. 161). O homem intuitivo é fadado a sofrer com mais frequência, uma vez que não sabe aprender com suas próprias experiências e sempre tem a tendência a deixar-se levar pelas mesmas armadilhas que outrora caíra (NIETZSCHE, 2020).

O conceito de verdade e mentira apresentada por Friedrich Nietzsche ajuda a refletir sobre a forma de construção dos termos e conceitos usados na linguagem. Além disso, os modelos de homens (citados pelo autor) colecionam características que também podem ser inerentes ao sujeito no período vigente. À luz dessas ideias será trabalhada a problemática das *fake news* e pós-verdade no período contemporâneo.

3 CONTEXTO HISTÓRICO DE ASCENSÃO DO TERMO *FAKE NEWS*

O homem no final século XX esperava com expectativa o alvorecer do novo milênio, o cenário global neste período de transição era notoriamente marcado pela inovação tecnológica, fruto do rápido desenvolvimento humano.

Como em todo período, a humanidade passa por fases, que de forma geral traduzem as características do homem em determinado momento histórico, e isto não seria diferente no século XXI. Em tempos de globalização como vivemos, a sociedade deve estar formada e fundamentada para todos os desafios que são proporcionados pela nova era. É natural, portanto, que em uma realidade de tamanha complexidade surjam questionamentos relacionados ao comportamento do indivíduo em âmbito social e neste caso, atrelado aos meios de comunicação social.

No ano de 2016, a *Oxford Dictionaries*, importante ramificação pertencente a Universidade de Oxford, uma das maiores da Europa, elegeu como palavra do ano a “Pós-verdade”, atribuindo o sucesso do termo às milhares pesquisas na internet sobre eleições nos Estados Unidos, na qual Donald Trump foi eleito e ao *Brexit*, anúncio da saída da Grã-Bretanha da União Europeia. Segundo a Oxford, pós-verdade é “[...] um adjetivo definido como relacionado ou denotando

circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal” (OXFORD, 2016).

Em entrevista ao jornal americano *Washington Post*, o presidente da *Oxford Dictionaries*, Casper Grathwohl, afirmou que é possível a palavra definir o tempo vigente “Dado que o uso do termo [pós-verdade] não mostrou nenhum sinal de desaceleração, eu não ficaria surpreso se ‘pós-verdade’ se tornasse uma das palavras definidoras dos nossos tempos” (NEXO JORNAL, 2016). É nesse contexto que se dá, definitivamente, a ascensão das notícias falsas, fenômeno conhecido no Brasil e em diversas partes do mundo como *fake news*.

3.1 CONCEITO DE *FAKE NEWS*

3.1.1 Origem

Por mais que o termo seja atual, pertencendo principalmente a segunda década do século XXI, o seu conceito remonta à antiguidade, a julgar pela Roma antiga, cenário em que os governantes, com plena noção do significado da informação no meio social, a usavam para atender às suas necessidades políticas, independente da realidade do fato. Avançando na história, precisamente nas duas grandes guerras, também se destaca a influência das notícias falsas; na primeira guerra entre os anos de 1914 a 1918, com fins propagandísticos, os alemães foram acusados de todos os tipos de brutalidades contra a humanidade (ALTARES, 2018). Após o período das guerras mundiais, grandes embates entre países, segundo o site El País, iniciados com invenções, tiveram destaque histórico.

Três dos grandes conflitos em que os Estados Unidos se meteram neste período começaram com invenções: a guerra de Cuba (1898), com a manipulação dos jornais; a guerra do Vietnã (1955-1975), com o incidente do golfo de Tonkin, e a invasão do Iraque de 2003, com as inexistentes armas de destruição em massa de Saddam Hussein (ALTARES, 2018).

Ao criar a imprensa em meados do século XV, Gutemberg, pretendia expandir conhecimento e informação à sociedade da época. Paralelamente à sua aspiração de difusão do saber, que tinha a verdade como alicerce fundante, sua ideia também proporcionou que notícias falsas fossem espalhadas rapidamente (ALVES; MACIEL, 2020). Em um contexto de constante evolução, o acesso à informação a partir desse cenário se tornou muito mais alcançável, ainda com suas restrições de acessos, por exemplo àqueles que não sabiam ler e escrever ou não tinham recursos.

Não é difícil interpretar com as referências disponíveis que as *fake news* existem bem antes da internet ou da imprensa, sempre fizeram parte dos mecanismos humanos usados ao longo da história para atingir determinados fins. Todavia, com essa nomenclatura, foi no século XXI que ganhou visibilidade, e se trata de um fenômeno coletivo por interferir na comunicação da sociedade em escala global, de forma positiva ou negativa; informando ou desinformando, como descreve Alves e Maciel (2020, p. 150),

Certamente, a Internet e o crescimento das mídias sociais não inventaram o fenômeno da desinformação, mas criaram um ambiente propício para que houvesse uma difusão em massa de notícias falsas, em velocidade nunca antes vista na história da humanidade.

Assim se apresentam originalmente as *fake news*, impulsionadas pelo rápido avanço tecnológico que garante a veloz comunicação, sem esses elementos a força das notícias falsas não seria a mesma e a ascensão de reprodução não teria tamanho peso na sociedade.

3.1.2 Definição do termo *fake news*

Por se tratar de um fenômeno que interfere indubitavelmente na sociedade contemporânea, alguns estudiosos procuram definir a palavra *fake news* a partir do contexto em que foram inseridos nos vocabulários. O professor e jornalista português João Paulo Meneses em seu artigo “Sobre a necessidade de conceptualizar o fenómeno [sic] das *fake news*”, defende que “Notícias falsas sempre existiram e sempre existirão, mas [...] elas só são simultaneamente fake news [sic] se existir uma ação deliberada de enganar os consumidores” (2018, p. 40).

Leonardo Boff, importante filósofo e teólogo brasileiro, na tentativa de fazer uma leitura da realidade vivenciada na atualidade, em um artigo declara que notícias falsas “[...] são mentiras e calúnias difundidas aos milhões pelas mídias digitais contra pessoas ou partidos. [...] aqui vale o descaramento, a falta de caráter e o total descompromisso com os fatos” (2019), destacando o aspecto político da problemática.

A definição de *fake news* que mais se aproxima da ideia que esse presente artigo pretende defender se encontra no artigo de Alves e Maciel (2020, p. 152) em que sugerem seu objetivo: “[...] convencimento e de fortalecimento de uma posição no interior de uma disputa narrativa em um contexto altamente polarizado”. Neste caso não cabe apenas a característica da desinformação possuir uma aversão aos fatos, se assemelha a uma verdadeira posição de confronto, ao provocarem a manipulação a partir do uso de narrativas inválidas.

Via de regra, as *fake news* encontram seu motor não no desejo de negar a verdade, mas sim na vontade de vencer a disputa a qualquer preço, mesmo que para isso seja preciso falsear a realidade. [...] A única coisa que importa é se a notícia favorece sua posição em um contexto polarizado. Assim, produzimos e fazemos circular informações de maneira entrincheirada, usando notícias e manchetes como armas no meio de um campo de batalha (ALVES; MACIEL, 2020, p. 153).

As características acima citadas se encaixam no conceito pretendido de notícias falsas e estão associadas a uma outra palavra que também se tornou mundialmente conhecida pelos usuários da internet e permite analisar o fenômeno de maneira mais abrangente: pós-verdade.

3.1.3 Pós-verdade

No ano de 2016, pós-verdade foi escolhida a palavra do ano pela Oxford Languages, em virtude das inúmeras buscas na internet do termo citado. Na época, os fatos históricos determinantes foram as eleições dos Estados Unidos, episódio no qual o presidente Donald Trump foi eleito, e o anúncio da saída da Grã-Bretanha da União Europeia, chamado *Brexit*. Ambos acontecimentos geraram um tsunami avassalador de notícias construídas para atacar a reputação dos envolvidos políticos ou para sustentar narrativas falsas com a intenção de manipular as opiniões da população, “Foi a política da pós-verdade em seu estado mais puro: o triunfo do visceral sobre o racional, do enganosamente simples sobre o honestamente complexo” (D’ANCONA, 2018, p. 29).

Matthew D’Ancona cita em seu livro “Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news [sic]” uma característica que define o mundo da pós verdade:

A questão não é determinar a verdade por meio de um processo de avaliação racional e conclusiva. Você escolhe sua própria realidade, como se escolhesse comida de um bufê. Também seleciona sua própria mentira de modo não menos arbitrário (D’ANCONA, 2018, p. 57).

Inspirado neste recorte do livro infere-se que a centralidade do significado de pós-verdade está na capacidade que uma determinada informação tem de ir ao encontro das emoções do receptor, ou seja, vai além do manter-se bem informado ou não, age com aspectos subjetivos do ser humano.

Etimologicamente a palavra “pós” se refere a algo que vem depois, e em um contexto histórico, a expressão denota sobre o período que aparece após o término de outro, a grosso modo, se compreende que está ocorrendo uma ressignificação da verdade. Fato bastante semelhante ao que foi notado com o pós-modernismo na década de 1990, procurava-se assimilar os conteúdos estéticos, produções artísticas e literárias da época (DUNKER, 2017). Neste aspecto, como

analisa Christian Dunker em “Ética e pós-verdade”, livro o qual colaborou a escrever com o tópico “Subjetividade em Tempos de pós-verdade”, “[...] a pós-verdade inaugura uma reflexão prática e política sobre o que devemos entender por verdade e sobre a autoridade que lhe é suposta” (2017, p. 9). Com isso, o autor conjectura que a autoridade do emissor tem grande poder de influência na maneira como o receptor pensa e interpreta as informações.

Dunker, partindo de um resgate histórico recorda que a verdade pode apresentar três conotações, tendo base na revelação grega (*alethéia*), testemunho latino partindo de uma lembrança esquecida (*veritas*), e a promessa, característica da religião judaico-cristã (*emunah*). Assim, à luz dessas conotações, ele destaca três faces da verdade: a ilusão, falsidade e mentira (DUNKER, 2017).

A verdade no presente (*alethéia*) nos convida a uma linguagem ou o pensamento que nos unem em torno de uma experiência comum. A verdade do passado (*veritas*), quer testemunho e exatidão, depende da individualização por responsabilidade em torno de uma lei comum. Finalmente, a verdade do futuro (*emunah*) e a confiança diante do imponderável da imaginação criam um horizonte comum (DUNKER, 2017, p. 22, grifo do autor).

Em tempos de pós-verdade, a subjetividade humana pode ser caracterizada como a recusa da relação desses termos, tanto no que diz respeito a negação desse conjunto, quanto na subestima de sua potência ficcional (DUNKER, 2017). A verdade se molda ao contexto que se vê inserida, vários tipos de verdade de acordo com o narrador de um fato ou transmissor de uma verdade, o perigo se instala quando narrativas reacionárias provocam histeria em âmbito coletivo, fato que acontece conforme *fake news* e pós verdade andam juntas.

3.1.4 Relação entre *fake news* e pós-verdade

Retomando o conceito apresentado por Christian Dunker (2017) de pós-verdade, vale ressaltar uma característica citada que contribui no presente artigo para exemplificar a relação entre *fake news* e pós-verdade: a autoridade. Conceito que Matthew D’ancona (2018) nomeia em seu livro como liderança carismática, no caso citado pelo referido autor foi uma desinformação apresentada contra uma verdade científica de transmissão de doença, com efeito catastrófico para a população do país, uma vez que ao se posicionarem as lideranças influenciam automaticamente no comportamento de seus seguidores.

O ex-presidente da África do Sul, Thabo Mbeki, “[...] deu força emocional imensa à afirmação de que o vírus HIV não causa aids – e à epidemia terrível nesse país, que continua uma crise até hoje” (D’ANCONA, 2018, p. 70-71). Esse exemplo configura uma clara combinação de

pós-verdade e *fake news*, nesse caso apelou-se para a emoção dos receptores da mensagem, os indivíduos que têm contato com a notícia totalmente inexata e sem nenhum respaldo científico se identificam de alguma maneira e correm o risco de assumi-la como verdade.

Nesse cenário há dois fatores que favorecem a pós-verdade: a autoridade de quem proclama a “verdade” e o encontro desta com as crenças ou emoções pessoais, tal como afirma sua definição, contexto que o objetivo dá lugar ao subjetivo.

Essa característica de convencimento, de assumir uma mentira como verdade é atestada quando a atividade é feita por alguém de representatividade e carisma social, como ocorreu no exemplo citado na África do Sul, e sobre isso Christian Dunker escreve:

A atitude estética, humorada e flexível, corrobora este cenário no qual é mais importante quem está falando, com seu carisma e estilo, do que argumentos, demonstrações ou provas de qualquer autoridade anônima que se apresenta como desinteressada. [...] A confiança na última palavra e o consenso do momento são o que importa (2017, p. 20).

O fenômeno da pós-verdade recorre para aspectos subjetivos do ser humano e a contemporaneidade é o lugar da história em que de fato se localizam os melhores exemplos da era da desinformação, não é coincidência que a ascensão do termo tenha surgido neste contexto de globalização.

Desde que o termo ascendeu na indústria midiática, pós-verdade se tornou um instrumento de estudo e análise em diversas esferas. O professor e doutor em psicologia social Pedrinho Guareschi (2018), em seu artigo intitulado “Psicologia e Pós-Verdade: a Emergência da Subjetividade Digital”, procurou estudar este fenômeno atribuindo uma reflexão com base na definição fornecida pela Oxford, de modo especial a parte que a instituição apresenta o termo como apelativo às emoções e crenças pessoais, dessa forma, o professor procura elucidar e definir os termos: valores, crenças e motivações.

Os valores, ao serem analisados por uma via psíquica são ligados muitas vezes aos aspectos afetivos, que interferem nas emoções dos indivíduos

Valor, em sua etimologia, do verbo, *valere*, significa **estar bem, ter peso**. Evidentemente, não um peso físico, mas um peso afetivo, ético. Certamente, as crenças de cada pessoa são, para elas, valores e os valores, sem que nos demos conta, se transformam em crenças (GUARESCHI, 2018, p. 24, grifo do autor).

Do psiquismo não se pode desvincular o que é respectivo ao âmbito lógico ou cognitivo, para ele não se pode separar o referido campo do afetivo. As crenças fazem parte de uma mistura daquilo que é verdadeiro porque nós assim cremos, característica que se refere à fé, e aquilo

que cremos pois consideramos verdadeiro, este último âmbito podemos considerar o conhecimento (MOSCOVICI, 2003 apud GUARESCHI, 2018).

Segundo Guareschi “as motivações acrescentam à ideia de crenças e valores a dimensão da ação” (2015, p. 25). Nessa perspectiva, são as nossas realidades que nos levam a agir ou acreditar em fontes irreais de informação como acena o presente trabalho, todavia, é muito difícil identificar todas as nossas crenças, tudo aquilo que nos faz promover ação, são características muito profundas de nossa subjetividade.

Temos, talvez de ser humildes e reconhecer que não damos conta de nossas **crenças**; elas fazem parte de nosso próprio ser, em grande parte nos **constituem**. Isso não significa que não possamos **refletir** sobre elas e nós mesmos. E nessa própria reflexão, nossas crenças nos acompanham. É a nossa própria condição humana (GUARESCHI, 2018, p. 24, grifo do autor).

Dessa maneira, podemos compreender que os aspectos da subjetividade são elementos profundamente interligados e promovem a efervescência do momento histórico. Vale destacar que elencar essas características não legitimam a disseminação de notícias enganosas em todas as esferas da sociedade, mas promovem a reflexão acerca do processo pelo qual os indivíduos constroem as suas verdades.

A pós-verdade então “[...] é uma amostra do que acontece quando a sociedade afrouxa em sua defesa dos valores que sustentam sua coesão, ordem e progresso: os valores da verdade, honestidade e responsabilização” (D’ANCONA, 2018, p. 100). Nessa perspectiva de desarmonia, o psiquismo individual se tornou ferramenta de manipulação nas mídias sociais, ao saber dessas características intrínsecas do sujeito. Dessa forma, não só as empresas tecnológicas recebem por vender notícias, mas também os usuários particulares passaram a usar desses conhecimentos e reações psicológicas para a manipulação. Guareschi afirma que essas estratégias “[...] além de cerebrais, são virais, vitais, motivacionais, com influências sobre a vontade, os desejos, as motivações que levam as pessoas a agir: comprar, votar, divertir-se, consumir seja o que for” (GUARESCHI, 2018, p. 30).

Essas técnicas abriram a possibilidade da construção de perfis psicológicos digitais dos usuários de internet, que se referem ao conteúdo curtido, pesquisado e compartilhado nas redes sociais ou em plataformas de pesquisas de conteúdo.

Identificavam, assim, o gênero, a idade, o endereço, muitas vezes até a profissão e outras informações dos respondentes. Surgiu a possibilidade de construir **perfis psicológicos íntimos** das pessoas e compará-los entre si. E aconteceu algo impensável: a coleta de dados, tão difícil de ser feita antes através de questionários e entrevistas, passou a ser gratuita (GUARESCHI, 2018, p. 27, grifo do autor).

Dois são os fatos citados por Guareschi que reforçam a narrativa de manipulação das informações em detrimento do jogo de interesse e lucro na política: a vitória de Donald Trump à Casa Branca e a saída da Grã-Bretanha da União Europeia. Entra nessa discussão a empresa responsável por suas propagandas, *Cambridge Analytica*, acusada de descobrir através de algoritmos, aspectos da subjetividade de cada indivíduo usando então como ferramenta de lucro (GUARESCHI, 2018).

No jogo político dos Estados Unidos segundo o portal de notícia G1, a Cambridge Analytica coletou informações claramente privadas de 87 milhões de usuários da rede social Facebook, sem que esses autorizassem. Com esses dados detalhados a empresa usou “para mandar aos usuários publicidade política especialmente adaptada e elaborar informes detalhados para ajudar Trump a ganhar a eleição contra a candidata democrata Hillary Clinton” (PRESSE, 2019).

Trazendo para a realidade de terceira década do século XXI, o contexto pandêmico promoveu o surgimento de várias discussões a respeito da rápida disseminação de informações sobre a recente emergência sanitária. Além da política, nesse período se difundiu com relativa força, a deslegitimação da ciência através de movimentos antivacina, ou através de diversas teorias conspiratórias a respeito do comportamento e formas de tratamento do vírus (BARCELOS et al, 2021).

Nesse contexto, o fenômeno das *fake news* representa uma ferramenta acessível a governos e outros grupos para desviar, obscurecer, ocultar ou moldar o conhecimento de acordo com os seus interesses (26). Fantasiadas de jornalismo, as *fake news* contribuem para aumentar a descrença na ciência e nas instituições de saúde pública (BARCELOS et al, 2021, p. 45, grifo do autor).

É nesse sentido que crescem os adeptos dos que colocam em dúvida os métodos científicos usados para chegar a conclusões caras à sociedade no enfrentamento de doenças, resultados que direcionam a população.

4 “CRISE DA CIÊNCIA”: A ERA DA DESINFORMAÇÃO

Por mais que as notícias falsas tenham se tornado evidentes na atualidade, e associada aos conceitos científicos principalmente em decorrência da emergência global do novo coronavírus, não é preciso ir longe na história para identificar momentos em que as práticas já tinham sido utilizadas contra a ciência.

Exemplo dessa ocorrência é citado no artigo de Cláudio Maierovitch, que escreve sobre o que chama de “A dupla epidemia: febre amarela e desinformação”, os fatos citados ocorreram em meados da segunda metade da década de 2010:

[...] a combinação mais perigosa acontece quando informações e orientações que contrariam o conhecimento científico são difundidas numa situação em que existe algum fato real, como uma epidemia ou uma campanha de saúde pública (HENRIQUES, 2018, p. 10).

Neste período surgiram rumores que os macacos transmitiam a febre amarela silvestre, o que levou à matança sem precedentes desses animais; entretanto, já era do conhecimento da população que são os mosquitos os responsáveis pela transmissão. Ademais, nesse período a eficácia da vacina foi questionada (HENRIQUES, 2018).

Talvez, o mais pulsante fato de teoria conspiratória, ou seja, teorias sem comprovação que vão na contramão do que defende a comunidade científica, sobre o uso de vacinas, ocorreu no ano de 1998, com uma conclusão feita pelo Dr. Andrew Wakefield em uma entrevista coletiva de que os crescentes diagnósticos de autismo tinham relação com as vacinas para combater o sarampo, caxumba e rubéola. Como consequência, países viram a cobertura vacinal cair assustadoramente, e inevitavelmente o sarampo se tornou uma preocupação na Grã-Bretanha; vale ressaltar que a doença havia sido erradicada no país há quatorze anos (D’ANCONA, 2018).

Acerca do episódio citado, foi provado pela imprensa da época a insuficiência das informações disponibilizadas para a população que comprovassem a associação feita por Wakefield (1998), revelando que a informação transmitida ao público continha conflito de interesse. Apesar das provas contrárias à afirmação, suas declarações reforçaram a insegurança em todos aqueles que duvidam de alguma maneira da imunização (D’ANCONA, 2018).

4.1 *FAKE NEWS* NO AGRAVAMENTO DA CRISE SANITÁRIA DO NOVO CORONAVÍRUS E “CRISE DA CIÊNCIA”

No dia 11 de março de 2020 em uma entrevista coletiva, o diretor geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, elevou a disseminação do Sars-Cov-2, vírus causador da covid-19, à condição de pandemia. Anterior a esse fato, países do mundo todo já se preparavam para a ameaça do novo vírus; após o anúncio, mais medidas foram implementadas em todo mundo para conter o avanço da doença, segundo o site da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2020).

Ao explicar o cuidado com a utilização do termo, Adhanom alerta que “pandemia não é uma palavra a ser usada de forma leviana ou descuidada. É uma palavra que, se mal utilizada, pode causar medo irracional ou aceitação injustificada de que a luta acabou levando a sofrimento e morte desnecessários” (OPAS, 2020). Essa fala foi seguida de uma série de orientações sobre a importância da preocupação e preparo para salvar vidas no planeta.

Na era da rápida informação é natural que o acesso se torne facilitado entre os usuários espalhados pelo mundo, contudo, também é um ambiente propício para manifestações de toda categoria, inclusive daqueles que geram desinformação. Arelado ao avanço da pandemia no globo terrestre, uma segunda problemática fez a OMS se manifestar e caracterizar os crescentes boatos acerca do contágio do novo coronavírus. Cláudia Galhardi e outros estudiosos (2020, p. 4202) explicam o movimento surgido na ocasião:

Esse movimento atingiu o mundo inteiro, a ponto de a Organização Mundial da Saúde (OMS) denominá-lo como “infodemia”. O termo passou a ser incorporado no vocabulário atual como a disseminação em massa de notícias falsas e rumores que comprometem a credibilidade das explicações oficiais fundamentadas em respaldo científico.

A OPAS, lançou um folheto infográfico para conscientizar os americanos a respeito das *fake news* relacionadas à pandemia do novo coronavírus. Vale destacar também os meios pelos quais são utilizados para a desinformação em massa, dados reunidos no Brasil apontam para a disseminação em redes sociais, das quais os maiores índices estão no Instagram, Facebook e Whatsapp (GALHARDI et al, 2020).

Os perigos da desinformação entre as lideranças, como já apresentadas nesse texto, são reais e podem ter consequências nefastas. A partir desse contexto “[...] os especialistas em comunicação são unânimes em afirmar que as declarações do presidente da república do Brasil têm contribuído para desinformar e confundir a população sobre os métodos de evitar as doenças” (GALHARDI et al, 2020, p. 4206), dessa maneira os cientistas que avaliam e direcionam orientação à população encontram dificuldade quanto ao consenso com o chefe do Estado.

Após um de seus discursos em que houve uma crítica às medidas para conter o avanço da doença no país, enorme foi o número de comentários e notícias na internet que se encaminharam na contramão do que alertava e orientava a comunidade científica, sobre medidas sanitárias para conter a doença em âmbito coletivo e individual (GALHARDI et al, 2020).

Os Estados Unidos contam também com um exemplo peculiar de desinformação, a semelhança é que contou, da mesma forma, com a contribuição do presidente da nação da época, Donald

Trump. O ex-presidente em uma de suas declarações afirmou que a ingestão de desinfetantes contribuiria no combate ao novo coronavírus, uma afirmação sem teste qualitativo científico, que colocou em risco milhares de cidadãos de seu próprio país. Como consequência, a cidade de Nova York registrou aumento nos casos de intoxicação por beber produtos de limpeza (GALHARDI et al, 2020).

Sobre a tensão entre a comunidade científica e as autoridades públicas, Cláudio Maierovitch e Wagner Vasconcelos evidenciam no artigo “Crises dentro da crise: respostas, incertezas e desencontros no combate à pandemia da Covid-19 no Brasil”, o desgaste se dá através das diferentes narrativas proferidas por esses dois grupos. Fato é que há o desenvolvimento de um cenário de desconfiança e incerteza (HENRIQUES; VASCONCELOS, 2020).

Maierovitch e Vasconcelos (2020) analisam que em uma situação de crise sanitária seria esperado que a comunidade científica se debruçasse na obtenção de respostas para as questões latentes da crise, para que, tendo evidências científicas e seguramente comprovadas a ação do poder público tivesse sua orientação. Todavia, no quadro brasileiro a harmonia de discurso não vem acontecendo, exemplo disso são as medidas de distanciamento social e em relação à prescrição do medicamento cloroquina (HENRIQUES; VASCONCELOS, 2020).

Sobre o medicamento cloroquina, os institutos científicos, responsáveis pelas pesquisas de qualidade de medicamentos e testagem já afirmaram que apesar de alguns casos terem resultado positivo, não há fundamento para o receituário de seu uso indiscriminado, principalmente estimulado pelos governos. O que legitima a discussão, são algumas vozes da própria ciência que defendem o uso do medicamento em questão. O que entra em análise neste âmbito é o acirramento dos ânimos entre as autoridades políticas e comunidade científica (HENRIQUES; VASCONCELOS, 2020), fatores que sem dúvida influenciam a crise da ciência provocada pela desinformação e nesta perspectiva sobretudo no confronto de narrativas.

5 NIETZSCHE: *FAKE NEWS*, PÓS-VERDADE E A “CRISE DA CIÊNCIA”

O fenômeno das *fake news* atrelada à ciência, como já elucidado, pode colocar em risco milhões de vidas pelo mundo, uma vez que provoca o descrédito dos estudos científicos e avanços alcançados até à contemporaneidade. O movimento terraplanista, que vem conseguindo adeptos ao redor do mundo através das discussões feitas na internet, defendem que “[...] o verdadeiro motivo que leva a maioria a argumentar que a Terra é uma esfera é o interesse escuso de

corporações que lucram com isso” (PILATI, 2018, p. 10), ou seja, usam de negações e interpretam de forma errônea as conclusões que a ciência e seus estudiosos levaram séculos para definir.

Lee McIntyre, filósofo norte americano, apresenta o conceito de atitude científica para designar a forma como deve ser encarada a ciência, em uma resenha de seu texto para a revista de direito da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Marcio Cunha Filho (2021, p. 3, grifo do autor) ao ressaltar o aspecto do saber científico e sua confiabilidade afirma que “[...] na ciência, as evidências embasam a formulação de explicações gerais e eventualmente previsões (ou seja, *teorias*) sobre determinado fenômeno [...]”, de forma geral, o autor procura destacar que este saber procura sim explicações de fatores existentes, e assim o faz por meio de evidências.

O título da obra segundo a tradução de Marcio Cunha Filho é: “A atitude científica - defendendo a ciência da fraude, da negação e da pseudociência”. O saber científico, colocado em dúvida através de diversas teorias conspiratórias no presente, são fonte de inspiração para McIntyre neste livro, os que consideram as ciências ilegítimas pelo simples fato de assumirem posicionamento diferente esquecem-se do dinamismo presente na experiência empírica. Lee aborda esse aspecto caracterizando a forma de ação dos cientistas perante o mundo, em resumo “[...] o que marca a distinção da ciência é que ela se importa com evidências e está disposta a mudar suas teorias tendo por fundamento evidências empíricas” (MCINTYRE, 2019 apud CUNHA FILHO, 2021, p. 2).

O que podemos entender é que o dinamismo da ciência, não deve abrir brechas para a generalizada deslegitimação, as *fake news* em torno da temática científica são graves, uma vez que sem respaldo teórico ou prático colocam em cheque as evidências testadas e validadas através de métodos de análise, fazendo pessoas acreditarem e aderirem ao que é enganoso.

Nessa perspectiva, Nietzsche aponta para a facilidade que o ser humano tem de deixar-se enganar. Afirma aparecer a oposição entre verdade e mentira somente quando se tem necessidade de viver em sociedade e desfrutar das bem-aventuranças da verdade. A fraude traz malefícios e os homens odeiam as consequências trazidas pelo engano (NIETZSCHE, 2020). “Num sentido similarmente restrito o ser humano deseja a verdade. Ele quer as consequências agradáveis, que conservam a vida, da verdade” (NIETZSCHE, 2020, p. 150). Diante do exposto, entende-se que ao tratar da verdade e mentira, o autor não exalta um e elimina o outro, mas os relaciona, de forma que se entenda a inclinação do homem para a “verdade”.

Verdade para Nietzsche não são nada mais que “ilusões que esquecemos que são” (NIETZSCHE, 2020, p. 153), através dessa afirmação fica claro que sua preocupação não é defender que exista ou não uma “verdade”, mas pondera a existência de conceitos considerados socialmente como verdadeiros. O homem nesse contexto mente inconscientemente de acordo com os costumes já enraizados na sociedade, o autor ainda afirma que ser verdadeiro é “[...] mentir segundo uma convenção fixa, de mentir grupalmente e num estilo que se impõe para todos” (NIETZSCHE, 2020, p. 153).

Outrossim, Nietzsche em sua abordagem também defende que é a partir dos hábitos, de convencionar as palavras como verdadeiras e reproduzindo inconscientemente essas metáforas, que o homem alcança um sentimento de verdade. Sentimento esse que o obriga a denominar as coisas existentes de acordo com o convencionalmente imposto (NIETZSCHE, 2020). Ele afirma que o homem é capaz de diluir as metáforas intuitivas em conceitos, e essa capacidade é inerente do ser humano, é o que diferencia os homens dos animais:

[...] dissolver uma imagem num conceito; pois no âmbito desses esquemas é possível algo que jamais conseguiria com as primeiras impressões intuitivas: construir uma ordem piramidal de castas e níveis, criar um novo mundo de leis, privilégios, subordinações, delimitações, que passa a se contrapor ao outro, ao mundo intuitivo das primeiras impressões, como algo mais firme, mais geral, mais familiar, mais humano e, portanto, regulador e imperativo (NIETZSCHE, 2020, p. 153).

A verdade nesse contexto pode ser entendida como elemento que concede poder a quem dos seus artifícios sabe utilizar, uma vez que é capaz de criar um mundo novo de categorias e significados que permitem com que haja subordinados e privilégios, níveis e castas.

É nessa conjectura, baseando-se no pensamento de Nietzsche, que *fake news* são possíveis na sociedade hodierna, se apresentam como malefícios no contexto social da rápida informação. A fraude nesse enredo, acontece de maneira consciente para atender a determinados grupos, ou com finalidade estritamente pessoal e que se assemelha ao que o autor diz sobre as dominações do novo mundo das metáforas. Como ocorreu no exemplo citado da Cambridge Analytica, foi criado um exército de termos figurativos para designar e defender os interesses políticos de Donald Trump e dos defensores do Brexit.

A pós-verdade é encaixada no processo ao provocar um encontro com a subjetividade dos indivíduos, fator que intensifica a cristalização da informação no campo cognoscível do sujeito. As metáforas criadas, que são as verdades para o autor, têm o poder de ir ao encontro com as crenças pessoais dos indivíduos, a notícia falsa por si só pode até ser desconstruída mais facilmente, todavia, quando se tem uma ligação afetiva com a informação, tal como ocorre na pós verdade, a retificação é delicada.

Quando Nietzsche diferencia tipos de homens os critica igualmente, tanto o racional quanto o intuitivo, declara que a ambição dos dois é dominar a vida

[...] este, sabendo enfrentar as principais necessidades com previdência, prudência e regularidade; aquele, como um “felicíssimo herói”, não enxergando essas necessidades e tomando como real somente a vida dissimulada em aparência e beleza (NIETZSCHE, 2020, p. 160).

Se pudéssemos comparar, da mesma forma acontece com quem usa os mecanismos tecnológicos das notícias falsas para dominar a vida dos que se deixam enganar. A arte da dissimulação, própria do intelecto, como afirma Nietzsche, não leva em consideração o baluarte criado a partir da comunicação inverídica, confunde a sociedade pois não se trata das verdades convencionalmente aprovadas em sociedade, como “[...] mentir grupalmente [...]” (NIETZSCHE, 2020, p. 153), é algo restrito a um público específico.

É imprescindível destacar o papel da ciência nessas circunstâncias, pois a construção dos conceitos feitos até então pela linguagem, ganham com ciência o mundo empírico ou antropomórfico, ou seja, o mundo humano é reorganizado através desses conceitos. Friedrich Nietzsche faz uma diferenciação de dois tipos de verdade: as científicas e as “verdades” com as mais diferentes insígnias. Declara que a verdade científica necessita de proteção contra os diversos esforços que procuram derrubar os conceitos construídos pela mesma (NIETZSCHE, 2020).

O impulso para a verdade que é o tratado de paz e propicia o homem a deixar o estado de natureza para viver harmonicamente em sociedade através de conceitos construídos convencionalmente (NIETZSCHE, 2020), é dessa convenção que nascem as verdades construídas e todas as problemáticas existentes no âmbito coletivo originadas a partir das mesmas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as *fake news* direcionadas ao âmbito científico, vale a pena destacar que esse fenômeno coloca em “crise” a ciência, não através de seus métodos ou no seu conteúdo como ocorrera no início do período contemporâneo. A técnica usada é para minar a autoridade dos cientistas e sua confiabilidade. Portanto é uma crise provocada por pessoas ou grupos que pretendem usar as “verdades” com fins de poder e dominação.

As “verdades” comprovadas e testadas empiricamente não tem mais valia para alguns setores da sociedade quando comparadas às ideologias de lideranças carismáticas, isso faz das

“verdades” ideológicas, não apenas elementos da atividade do intelecto humano, mas fatores que interferem nas regras sociais e sua organização política. Nietzsche ao trazer à tona a capacidade que o intelecto tem de usar metáforas para criar um novo mundo conceitual, que pode ter como consequência a dominação de classes sobre as outras, subordinações e privilégios, nos permite relacionar na contemporaneidade com a forma como as notícias falsas são construídas.

Fake news não é um processo inconsciente tal qual se torna com o tempo o ato de “[...] mentir grupalmente[...]”, como elenca Nietzsche (2020, p. 153), que são as verdades convencionalmente aprovadas para vida em sociedade; de diferente modo são criadas conscientemente. Portanto, é a própria razão quem manipula as informações para parecerem verdade. As notícias inverídicas que menosprezam a ciência, como vêm acontecendo em grande escala neste período pandêmico, são pensadas para atender às demandas de determinados grupos, e é nessa perspectiva que a verdade pode ser entendida como categoria de poder e não como categoria epistemológica.

Assim posto, o fenômeno da pós-verdade atrelado nesse regime, potencializa as *fake news* tornando-as fortes. A verdade na história da humanidade já se encontrou nos mais diversos lugares, tal como na Idade Média em que toda a verdade provinha de Deus, no período contemporâneo a verdade parece se encontrar na subjetividade do sujeito, que tem a tendência de fazer as suas “verdades” inquestionáveis e únicas. E esse fator deve ser levado em consideração, pois os aspectos psicológicos dos indivíduos, muito ligados aos sentimentos podem ofuscar o respeito às diversidades de crenças e opiniões existentes na sociedade, e das verdades científicas.

No início do texto “Verdade e mentira no sentido extramoral”, Nietzsche destaca que o homem não ama a verdade, mas tem medo das consequências maléficas trazidas pela vida pautada na dissimulação e no engano. Entretanto, em algum momento se tornou mais benéfico para o homem hodierno usar da dissimulação, mundo conceitual que apenas quem cria tem acesso ao conteúdo de fato, do que usar as verdades construídas coletivamente no tratado de paz.

À luz do pensamento Nietzscheano, as *fake news* são possíveis porque não existe a verdade com letra maiúscula. O impulso para a verdade se deu quando o homem sentiu necessidade de viver em comunidade, formar hordas e ter relação. Seu estado de natureza, o engano, precisou ser transformado através do edifício conceitual que só o homem é capaz de realizar, isso foi para sua sobrevivência. Todavia as notícias falsas não são criadas como uma necessidade, aqui entra

a categoria da má-fé, pois se distorce o sentido das informações para dominar o outro, quem as prolifera está preocupado com suas próprias necessidades. Os disseminadores de notícias falsas esquecem-se da existência de várias verdades convencionadas, e entendem que a forma de dominar a vida é forçando, através dos mecanismos citados nesse trabalho, as pessoas a assumirem as verdades destes como absolutas. A internet, novo “intelecto dissimulador”, é o coração das *fake news*.

O presente trabalho não tem a pretensão de afirmar de que forma se dão as *fake news* e seu processo de construção, tampouco legitimá-las de forma que racionalmente o fenômeno se torne aceitável, seria uma afronta ao teórico usado por base. Neste ano pandêmico tornou-se claro que as notícias falsas interferem também no que diz respeito ao direito à vida das pessoas, e esse aspecto foi colocado em xeque na procura por corromper a ciência com conclusões que apenas refletem interesses privados de lucro e poder. Nietzsche atribui caráter especial a vontade de poder, dado que para ele faz parte da dinâmica da vida, todavia, levando em consideração a preservação da vida em sociedade as *fake news* não são uma forma legítima de dominar a vida. Portanto, é melhor as “verdades” convencionadas em uma sociedade, uma vez que são conhecidas por todos e não caracterizam quebra ao modelo proposto.

Por fim, os fenômenos citados, pós-verdade e *fake news*, intimamente ligados, provocam reflexão sobre os pontos de vista que assumimos ou deixamos de assumir ao nos depararmos com as diversas ideologias, e nos questiona como indivíduos, eis o compromisso desse artigo: provocar e questionar. Em uma sociedade marcada pela rápida informação e constante avanço tecnológico, Nietzsche nos ajuda a compreender os dois lados de uma mesma moeda, a sociedade; essa marcada pelos pensamentos acelerados de um mundo contemporâneo formado por conceitos robustos e variados. É um assunto que não se esgota, afinal de contas, as respostas em torno da questão da verdade não são facilmente encontradas.

REFERÊNCIAS

ALTARES, Guilherme. A longa história das notícias falsas. **El país**, 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298_389944.html>. Acesso em: 10 mar. 2021.

ALVES, Marco; MACIEL, Emanuella. O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto. **Internet e sociedade**, v. 1, n. 1, p. 144-171, 2020. Disponível em: <<https://revista.internetlab.org.br/o-fenomeno-das-fake-news-definicao-combate-e-contexto/>>. Acesso em: 11 mai. 2021.

BARCELOS, Thainá do Nascimento et al. Análise de *fake news* veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. **Rev Panam Salud Publica**. v. 45, e. 65, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.26633/RPSP.2021.65>>. Acesso em: 02 out. 2021.

BARROS, Fernando de Moraes. Introdução. In: NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade e mentira**. Trad. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007. Disponível em: <<https://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2014/11/Sobre-Verdade-e-Mentira-no-Sentido-Extra-Moral.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

BOFF, Leonardo. Se Sócrates vivesse hoje: morreria de tristeza. **Instituto Humanitas Unisinos**. 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/595123>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Trad. Carlos Szlak. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DUNKER, Christian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: DUNKER, Christian et al. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

FÁBIO, André. O que é 'pós-verdade', a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford. **Nexo Jornal**, 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

CUNHA FILHO, Marcio. Direito e ciência: uma relação difícil. **Revista direito FGV**, São Paulo, v.17, n.1, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rdgv/v17n1/1808-2432-rdgv-17-01-e2110.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

GALHARDI, Cláudia Pereira et al. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid – 19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, 25 (supl.2), 4201-4210, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/XnfpYRR45Z4nXskC3PTnp8z/?lang=pt>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUARESCHI, Pedrinho. Psicologia e Pós-Verdade: a Emergência da Subjetividade Digital. **Revista de Programa de Mestrado Profissional em psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul**, Santa Cruz do Sul, v.2, n.2, p. 19-34, 2018. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/12242/7402>>. Acesso em: 09 set. 2021.

HENRIQUES, Cláudio Maierovitch Pessanha. A dupla epidemia: febre amarela e desinformação. **Revista Eletrônica Comunicação Informação & Inovação Saúde**, p. 9-13, 2018. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1513/2198>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

HENRIQUES, Cláudio Maierovitch; VASCONCELOS, Wagner. Crises dentro da crise: respostas, incertezas e desencontros no combate à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Instituto**

de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 34, n. 99, 2020, p. 25-44. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/ea/a/BWWTW6DL7CsVWYrqcMQYVkB/?lang=pt>>. Acesso em: 15 out. 2021.

MENESES, João Paulo. Sobre a necessidade de conceptualizar o fenómeno das fake news. 2018. **Observatorio (OBS*) Special Issue**, p. 37- 53, 2018. Disponível em:
<<http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1376> >. Acesso em: 11 mai. 2021.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**. 1 ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2020. Apêndice: Verdade e mentira no sentido extra moral.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia**. Brasília, 2020. Disponível em:
<<https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

OXFORD LANGUAGES. **Palavra do ano 2016**. Disponível em:
<<https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>>. Acesso em: 12 de mar. 2021.

PILATI, Ronaldo. **Ciência e pseudociência: Por que acreditamos apenas naquilo que em que queremos acreditar**. São Paulo: Contexto, 2018. Disponível em:
<<https://www.pdfdrive.com/ci%C3%A2ncia-e-pseudoci%C3%A2ncia-por-que-acreditamos-naquilo-em-que-queremos-acreditar-e195255824.html>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

PRESSE, France. Cambridge Analytica se declara culpada em caso de uso de dados do Facebook. **G1**, 2019. Disponível em:
<<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/01/09/cambridge-analytica-se-declara-culpada-por-uso-de-dados-do-facebook.ghtml>>. Acesso em: 24 out. 2021.